

DO MUNDO DO ESPORTE AO DIA-A-DIA NUMA PANDEMIA: PRECISAMOS FALAR SOBRE FASCISMO

*From the World of Sports to Daily Life in the Pandemic: we need to talk
about fascism*

Ana Karina de Oliveira NASCIMENTO
Universidade Federal de Sergipe
akcoliveira@academico.ufs.br
<https://orcid.org/0000-0002-3014-0659>

Laudo Natel do NASCIMENTO
Universidade Federal de Alagoas
Doutorando pela Universidade de São Paulo (Bolsista CNPq)
laudonatel@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-6791-6780>

Era um domingo, 05 de julho de 2020, quando, no conhecido mundial da Fórmula 1, o piloto, campeão inglês pela Mercedes, Lewis Hamilton, apresentou-se de capacete e carro completamente pretos, seguindo o que havia anunciado: que naquela corrida de retomada do campeonato após pausa em virtude da pandemia do novo coronavírus, prestaria uma homenagem aos tantos Floyds¹ no mundo, numa clara referência ao movimento originado nos Estados Unidos, mas que se espalhou pelo mundo, “Black Lives Matter”, que tomou forma no Brasil como “Vidas pretas importam”. Sendo o único piloto negro já presente numa elite internacional de um esporte dominado por brancos, é emblemática a atitude de Hamilton. O que chamou atenção, no entanto, talvez mais do que a atitude do piloto, foi a não adesão à homenagem proposta por um grande nome da Fórmula 1 por alguns dos seus colegas, e, mais ainda, as críticas feitas a ele porque esporte não deve se misturar com política.

No contexto brasileiro, era 28 de julho de 2020, retomada do campeonato carioca de futebol. Apesar de todo um movimento contrário ao retorno do esporte durante a

¹ Estamos aqui nos referindo a George Floyd, homem afro-americano que foi assassinado por um policial branco de Minneapolis. O caso ganhou repercussão internacional devido à crueldade empregada pelo policial na abordagem ao pressionar o pescoço de Floyd por quase 10 minutos, mesmo depois de ele implorar dizendo que não conseguia respirar e perder os sentidos. A notoriedade do caso também se deveu ao motivo banal que levou a sua prisão. Ele havia supostamente usado uma nota falsa de 20 dólares.

pandemia do COVID-19 no país, e, em especial, com elevado número de óbitos no estado do Rio de Janeiro, entra em campo o time do Botafogo. Sua entrada foi acompanhada pela exibição de uma faixa na qual se lia “Protocolo bom é o que respeita vidas”. Quando o jogo teve início, o time ajoelhou-se, numa clara alusão ao movimento “Vidas pretas importam”. O time adversário, entretanto, também em campo, não segue o Botafogo e apenas observa a atitude. Nenhum outro time faz alguma referência aos acontecimentos. Mais uma vez, críticas são tecidas, já que esporte não deve se misturar com política.

Os dois acontecimentos aqui relatados, tanto em âmbito mundial quanto local, no contexto brasileiro, são ilustrativos acerca do modo como minorias, no caso específico, negros, são comumente tratadas ou vistas pelas diferentes sociedades. Daí ser possível visualizar como reverberam na vida de tantos Floyds no mundo. Nesse contexto toma corpo um outro movimento, o “All Lives Matter” ou “Todas as vidas importam”, como uma tentativa de deslegitimar o movimento em defesa das vidas de diversos negros no mundo sob a argumentação de que não são apenas as vidas negras que importam, mas as vidas de todos.

Diante desses acontecimentos pensamos ser necessário falar e escrever sobre fascismo. Segundo Jason Stanley (2018), o fascismo poderia ser, de maneira sucinta definido como ideologia baseada no poder, na lealdade e no medo do outro, sendo centrado no esmagamento da liberdade. É partindo dessa visão mais ampla que o autor defende a tese de que há 10 pilares do fascismo: 1. Passado mítico; 2. Propaganda; 3. Anti-intelectualismo; 4. Irrealidade; 5. Hierarquia; 6. Vitimização; 7. Lei e ordem; 8. Tensão sexual; 9. Sodoma e Gomorra; 10. Arbeit Macht Frei.

Dentre os dez pilares citados pelo autor, destacamos o pilar seis, uma vez que acreditamos que a vitimização tem sido amplamente usada para justificar ações contra vidas, especialmente de minorias. Em particular, estamos pensando em negros, mulheres, pobres, portadores de necessidades especiais, idosos, entre outros. No caso específico de populações negras sobre as quais tratamos inicialmente, sob o manto da vitimização, fascistas defendem que não são apenas as vidas dessas populações que importam, mas a de todos. Numa espécie de negacionismo de toda a história de escravidão, luta e pobreza vivida pelas populações negras, especialmente no Brasil. Assim, brancos, em sua maioria, muitos deles a quem os privilégios sempre estiveram à sua disposição, colocam-se como

vítimas tentando se equiparar ao sofrimento e perdas a que as populações negras têm sido submetidas historicamente. E a possibilidade de mudança desse quadro soa, para o fascista, como algo insuportável. Sobre essa questão, Safatle (2018, s/p.) nos diz:

O [...] fascismo [...] será sempre solidário à insensibilidade absoluta em relação à violência com classes vulneráveis e historicamente marcadas pela opressão. É a implosão da possibilidade de solidariedade genérica. Essa insensibilidade expressa o desejo inconfesso de que as estruturas de visibilidade da vida social não sejam transformadas. Porque toda política é uma questão de circuitos de afetos e estruturas de visibilidade. Trata-se de definir o que pode nos afetar, com qual intensidade, através de qual velocidade. E, para tanto, há de se gerir a gramática do visível, a forma com que as existências são reconhecidas. Na vida social, ser reconhecido é existir. O que não é reconhecido não existe. Mas ser reconhecido não significa apenas uma reconhecimento do que já existia. Todo reconhecimento exige que aquele que reconhece mude também, porque ele passa a habitar um mundo com corpos que antes não o afetavam. E isso é o que aparece para alguns como insuportável.

Diretamente ligado ao pilar da vitimização está o pilar do anti-intelectualismo, por meio do qual busca-se deslegitimar o conhecimento construído por meio da ciência e dos saberes constituídos, por intermédio do discurso de que todos têm direito a expressar sua livre opinião e há a garantia de liberdade de pensamento. Ora, mas a ciência não nega esses direitos, apenas constrói o seu conhecimento com base em métodos, análise e reconhecimento por pares, enfim, envolta em uma gama de processos até o reconhecimento de que uma ideia é válida.

Há sinais claros, portanto, de que vivemos facetas do fascismo no mundo, e, em particular, no Brasil, especialmente no momento atual. Afinal, estamos vivendo uma pandemia que contabiliza em 20 de julho no nosso país, mais de 80 mil mortos. A despeito do número de óbitos no Brasil e no mundo, dos alarmes expedidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o que se observa é a veiculação em redes sociais de informações que contrariam o que a ciência tem descoberto até então sobre o novo coronavírus e que pregam que os cidadãos brasileiros evitem assistir a noticiários da grande imprensa. Trata-se, ao nosso ver, de uma clara referência ao anti-intelectualismo, que atinge não apenas cientistas, mas também jornalistas e a imprensa como um todo. É como se as informações que são propagadas em grupos de redes sociais, independentemente de quem as produziu, tenham mais credibilidade do que a imprensa

profissional. Dessa forma, nega-se o papel da universidade enquanto formadora de cientistas e jornalistas, por exemplo. E a partir de então todo indivíduo pode ter seu conhecimento equiparado a esses profissionais. É como se o conhecimento adquirido pelo jornalista sobre como lidar e tratar notícias, verificação de fontes, nenhum valor mais tivesse. E a consequência cruel dessa realidade é o aumento potencial do número de vidas perdidas, especialmente daqueles que mais se envolvem na onda do negacionismo. Mas não só estes. Afinal, o anti-intelectualismo acaba vitimando a todos sem distinção pois, ao fim, não importa apenas se você se cuida. Interessa, também, se quem está próximo a você toma os cuidados necessários. Entretanto, não há como negar que a probabilidade de maior perda de vidas está localizada nas classes menos favorecidas. Afinal,

Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população. [...Há] grupos para os quais a quarentena é particularmente difícil. São os grupos que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela. Tais grupos compõem aquilo a que chamo de Sul. Na minha concepção, o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual. [...] São muitos esses coletivos sociais. [...] (SOUSA SANTOS, 2020, p. 21).

Atrelado à questão da disseminação do anti-intelectualismo, cabe trazer à baila o papel das tecnologias digitais nesse contexto atual marcado por práticas fascistas. Knobel (2015), ao tratar dos novos letramentos que fazem uso das tecnologias digitais, aborda o que nomeia como duas de suas características principais: novas configurações técnicas e novo ethos. Para fins deste artigo, achamos pertinente discutir o sentido da última característica, o novo ethos. Para a autora, este relaciona-se a algumas marcas dos novos letramentos, tais como a maior possibilidade de participação, colaboração e dispersão trazida pelas tecnologias digitais; e, portanto, o seu potencial mais social e menos individual, quando se consideram publicação e autoria. Quando lemos pela primeira vez, há alguns anos, sobre essa característica específica dos letramentos digitais, celebramos o seu potencial coletivo e a abertura de possibilidades de engajamento por parte dos cidadãos. Entretanto, o que se percebe na atualidade é o uso desse potencial colaborativo e

coletivo para a disseminação de notícias duvidosas e para reforçar teses de anti-intelectualismo e vitimização. Como afirmam Nascimento e Knobel (2017), os letramentos são construídos socialmente e, portanto, podem seguir caminhos variados, especialmente, se há grandes corporações com interesses fascistas por trás dos seus usos. Como nos alerta Prestes (2018, s/p.):

Se o grande capital optou na Alemanha, em 1933, pela entrega do poder a Hitler, o grande capital internacionalizado pode hoje, no Brasil, sem outra opção, entregar o poder a Bolsonaro, da mesma forma que o fez com Hitler, através de processos eleitorais, reveladores da grande insatisfação de numerosos setores sociais. Num país como o Brasil, onde inexistia tradição partidária, isso pode acontecer sem partido fascista, sem uniformes fascistas e sem a mística fascista dos anos 1930, sem expansionismo militar declarado e sem racismo explícito. As formas são outras, mais elaboradas, com a utilização em larga escala dos meios fornecidos pela informática, mantendo sempre o discurso anticomunista e propagando a violência contra todos que se opõem aos seus objetivos, inclusive por meio da ação de hordas fascistas. Vale lembrar como exemplo desse emprego “moderno” da informática a colaboração com a campanha de Bolsonaro de Steve Bannon, estrategista de Donald Trump e especialista em desinformação.

É então por meio das tecnologias digitais e da manipulação do discurso veiculado como verdade que o fascismo no Brasil e no mundo amplia-se e ganha contornos antes para nós inimagináveis. Daí depreende-se a importância e a força da linguagem:

Nas mãos da Filosofia, a etimologia tem se revelado um verdadeiro canivete suíço: ela parece ser só um campo específico da Gramática, mas há muitas ferramentas contidas nela. Nietzsche que o diga! Certa vez ele abriu seu canivete etimológico e dissecou as origens dos termos bem e mal. Lá se vão uns cento e trinta anos, e ainda debatemos o que Nietzsche escreveu. [...] No presente idiotizado, há quem use o mesmo instrumento para assaltar as palavras, destituindo-as de sua riqueza histórica, seus conceitos, suas abstrações e suas ideias acumuladas ao longo dos séculos. O assaltante linguístico é perigoso, e a periculosidade aumenta quando ele encontra outras armas, como a comunicação pública. Aí, ele ganha acesso a armas de destruição em massa (METEORO BRASIL, 2019, p. 12-13).

O que cabe a nós, que conseguimos realizar uma leitura da realidade que difere das correntes que se utilizam das tecnologias digitais e da linguagem para defender teses como a vitimização e o anti-intelectualismo? Entendemos que nos cabe escrevermos mais sobre

a questão, e, por meio da linguagem e das tecnologias, produzirmos contra-discursos. Sigamos esperançosos e sempre vigilantes.

REFERÊNCIAS

HALSTEAD, J. *Quando você diz que 'todas as vidas importam' você nega a existência do racismo*. 2016. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/john-halstead/quando-voce-diz-que-todas-as-vidas-importam-voce-nega-a-existe_b_12193684.html>. Acesso em: 05 jul. 2020.

KNOBEL, M. Remix, literacy and creativity: An analytic review of the research literature. *Literacy Research Association Conference Symposium*. California, 2015.

METEORO BRASIL. *Tudo o que você desaprendeu para virar um idiota*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

NASCIMENTO, A. K de O.; KNOBEL, M. What's to be learned? A Review of Sociocultural Digital Literacies Research within Pre-service Teacher Education. *Nordic Journal of Digital Literacy*, v.12, n.3, p.67-88, 2017.

PRESTES, A. L. Anita Prestes: existe ameaça fascista no Brasil? Blog da Boitempo, 18 out. 2018. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/18/anita-prestes-existe-ameaca-fascista-no-brasil/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SAFATLE, V. O que é fascismo? *Revista Cult*, 22 out. 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-fascismo/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SOUSA SANTOS, B. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

STANLEY, J. *How fascism works: the politics of us and them*. New York: Random House, 2018.

UOL Notícias. *Elenco do Botafogo entra com faixa e se ajoelha em protesto no meio do jogo*. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/06/28/elenco-do-botafogo-entra-com-faixa-e-se-ajoelha-em-protesto-no-meio-do-jogo.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

UOL Notícias. *George Floyd, o 'bom gigante' que a polícia dos EUA matou*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/05/30/george-floyd-o-bom-gigante-que-a-policia-dos-eua-matou.htm>>. Acesso em: 30 mai. 2020.

UOL Notícias. *Seis pilotos se negam a ajoelhar em protesto contra racismo na F1*. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/f1/ultimas-noticias/2020/07/05/protesto-antirracismo---formula-1---austria.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2020.